

QUINTA-FEIRA  
Lisboa--1 de Março-1928

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

133



sempre  
**five** semanário humorístico

Propriedade  
**RENASCENÇA GRAFICA**  
S. A. R. L.  
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR  
**PEDRO BORDALLO**

Administração  
**REDACÇÃO E OFICINAS**  
TEL. T. 152, 153, 154  
RUA DA ROSA, 57

**Emquanto é tempo...**



— Quando me lembro que hei de chegar a velha, dá-me vontade de... nem me deitar.



## Os ditos da semana



**Ilhas artificiais** Uma companhia americana vai começar a construção de ilhas artificiais em pleno Oceano, para aterragem de aviões.

Daqui para o futuro, ir-se-ha á America pelo ar, com a mesma facilidade com que se vai de carro electrico a Algés ou ao Dafundo. Salta aqui, poisa acolá, e está a gente na America.

A rapidez ha de ser tanta que se poderá almoçar em Lisboa e ir tomar chá a New York, e quando o chá americano nos não souber bem, é só saltar para o avião e vir tomal-o á Garrett.

E no dia em que as ilhas artificiais se tiverem multiplicado infinitamente, até o avião se tornará dispensavel. Ir-se-ha a pé, atravessando o Atlantico como quem passa uma ribeira, de pedra em pedra.

E ainda mais. Quando as necessidades da aviação exigirem cruzamentos em todos os sentidos, uma grande, uma imensa acumulação de ilhas sobre o Atlantico, tornará o mar em terra firme, que se cruza de norte a sul, de leste a oeste, em magnificos caminhos de ferro e em automoveis das melhores marcas.

Nesse momento, os navios e os aviões passarão a ser uma velharia inutil que, quando muito, se conservará nos museus. Concomitantemente, o atum, por falta de *habitat* deixará de existir, valorisando-se extraordinariamente as carnes.

Como os americanos modificam a face do mundo!... Da America vêm sempre as coisas mais extraordinarias. Já de lá tinha vindo aquela conhecida machina de fazer chouriços, na qual se metia, por um lado, um porco vivo e saiam do outro lado os chouriços prontos e fumados, capazes de meter na panela. A historia é velha e conhecida. Se os chouriços não ficavam bons, metiam-se outra vez na maquina e saia do outro lado o porco vivo.



— E porque se lembrou você de por uma loja de chapéus de senhora?  
— Depois que vi os homens com a mania de não usar chapéu, e como já fui casado cinco vezes, compreendi que o negocio era de mão cheia.

Assim também, se o atum fizer muita falta, desarmam-se as ilhas e volta-se á antiga.

### Um relógio maravilhoso

Um relojoeiro de Newchatel, inventou um relógio que se move em virtude da dilatação dos metais, conforme as variações da temperatura. Quando faz frio, encolhem os metais, quando o calor aperta, dilatam-se os metais. Só com este estender e encolher, conseguiu o prodigioso inventor a energia indispensavel para fazer trabalhar o relógio. A obra é tão perfeita, que equivale, pôde dizer-se, ao motu continuo. Este relógio, segundo afirma o seu autor, trabalhará ininterruptamente durante dez mil anos. Para nós consiste especialmente neste pormenor a maravilha do invento. Tudo o mais é já conhecido e não consegue asombrar-nos.

Com a barriga a estender e a encolher, vivemos nós todos ha uns poucos de anos e ainda ninguem nos apresenta uao mundo como um fenomeno digno de admiração. Sobesse ponto de vista, valemos um pouco mais do que o invento do relojoeiro de Newchatel, porque trabalhamos sempre e dispensamos o incomodo de nos darem corda.

A nossa inferioridade, perante o relógio maravilhoso, consiste apenas numa coisa insignificante: nunca sabemos ás quantas andamos, ao contrario do prodigioso invento, que é duma precisão absoluta e por isso ha quem diga que temos pancada na mola.

Deixemo-nos, pois, de asombros, que tudo quanto faz o relógio também o fazemos nós, e já que o inventor afirma que ele trabalhará consecutivamente durante dez mil anos, vamos mandar vir um para experiencia. Se efectivamente verificarmos a veracidade da afirmação, neste mesmo logar renderemos as

nossas homenagens ao habil relojoeiro. Nós nunca negamos o seu a seu dono.

### O diabo á solta

Anda o diabo á solta nas Caldas de Canavezes. Aparece de noite, o que lhe fica muito bem como diabo que é, e salta e pincha e pula de tal arte, que nem sequer é possível distinguir-lhe as formas do corpo.

Perseguido ou atacado, desaparece como por encanto, porque apesar de diabo, não está disposto a deixar que lhe cheguem ao pelo. É um diabo com muito amor ao corpo.

O *Sempre Fixe* não quiere pôr em duvida o aparecimento do Licho-mau nas Caldas de Canavezes. Acredita piamente na afirmação do paroco da freguezia que, embora servidor de Deus, tem obrigação de conhecer o diabo, de contrario não lhe seria facil afastar de tentações os seus paroquianos. Em todo o caso, sempre desejamos fazer uma ligeira observação.

Não ha duvida de que o diabo concede uma grande honra ás Caldas de Canavezes, escolhendo-as para campo de manobras e que o caso pode ser turisticamente explorado, porque se ha quem fuja do diabo como ele foge da cruz, também ha quem o procure e até quem ande com ele no corpo.

Ha terras que seguem outra orientação, como Fátima, voltando-se para Deus. As Caldas de Canavezes por seu lado voltam-se para o diabo, fazendo talvez aquele raciocinio de que Deus é bom, mas o diabo também não é mau.

Mas sempre seria bom saber se, quando o diabo anda á solta e vêm todos os homens para a rua, organizar a batida, ele se não disfarça de Cupido, para se ir meter no corpo d'alguma infeliz que nem sequer dá conta de que está servindo de inferno.



— Muita gente não acredita na nossa dor. Isto de acompanhar á sua ultima morada um parente tão rico. Você, está claro, também é parente do morto?

— No. Por isso choro tanto.

## Dr. Francisco d'Assis Brito

(Novo assistente do Hospital de S. José)



**Sendo Assis, porque não havia de ser assistente? Sem empenhos, a sós com o seu saber assaz vasto, obteve honrosa classificação no difficil concurso que a outro, menos assizado, causaria uma assistolia.**

# BOM HUMOR

A professora:—Porque razão o menino faz os problemas pelo sistema antigo? Tome o exemplo do menino João, que os faz pelo sistema moderno...

Antonio:—Não deve estranhar. Ele tem pai e eu só tenho avó...

\*\*\*

—Que lindo enterro tem o nosso vizinho!  
—Creio que custou sete contos.  
—Que cara está a vida!

\*\*\*

O filho:—Está ali um homem que quer falar ao dono da casa.  
O pai:—Avisa tua mãe.  
A mãe:—Não; chama a cozinheira.

\*\*\*

Ela:—Tenho os cabelos a arder.  
A amiga:—Cá me parecia! Cheirava tanto a pinheira queimada!

\*\*\*

O bebedor:—Po... po... policia. Quer o senhor abrir-me a porta?  
O policia:—Não pode o senhor abri-la?  
O bebedor:—Não! Primeiro porque não sei onde é a minha casa, e segundo porque não tenho a chave...

\*\*\*

—Sofreste muito com as inundações?  
—Imaginal! Estive bloqueado em minha casa, só com a minha mulher, toda uma semana...

\*\*\*

—Papá: porque razão os reis são coroados aos catorze anos e, no entanto, não podem casar antes dos dezto?  
—Isso prova, filho, que é mais facil governar um reino do que uma mulher...

\*\*\*

Entre noivos:  
Ela:—Já tiveste alguma noiva antes de mim?  
Ele:—Sim. Gustavo, Alberta, Josefina, Adolia: um ano, três meses, duas semanas, quatro dias e meio, precisamente...

\*\*\*

—O senhor, nesta peça, faz o papel de cogo.  
—Mas eu não sei nada.  
—Não faz mal. Lê-o em scena, dis-simuladamente.

\*\*\*

Anedota de meminos judeus:  
Uma senhora:—Encontrei os cinco tostões que tinhas perdido?  
Isaac:—Não! Foi o meu irmão que os achou.  
A senhora:—Que procuras então agora?  
Isaac:—O meu irmão...



—Como tem sómente sete anos, não deixamos que toque senão a sonata em ré menor.

## SCIENCIA A ESMO

# HISTORIA NATURAL

Em conformidade com a opinião de Lautrec, foi Noé o primeiro ser que se preocupou com a historia natural. Se ele não tivesse construido a sua sempre citada e assaz memoravel arca, tudo o que se conhece desta sciencia estava inexistente, pelo menos no que diz respeito aos animais. Foi, certamente, por isso, que a posteridade, reconhecida, lhe deu o nome de patriarca—que significa, em hebreu, o pai da arca.

E' graças a ele que se sabe da existencia de animais selvagens e de animais domesticos. Os primeiros vivem no mato, ao abrigo de todas as comodidades e de todas as vantagens da vida civilizada. Mas tem de ter cuidado em não se servirem do pasto uns dos outros, o que, com o tempo, os tornou um pouco desconfiados.

A vida no mato é rica e variada. Veem-se lá coisas que nunca se viram nas grandes cidades, mesmo nas épocas em que o alcool era relativamente barato.

Os animais domesticos são os cães, os gatos, os ratos, as mulas, as mós-cas e assim de seguida pela ordem cronologica.

Ha cães de todas as raças. E cadelas! Esses animais são fieis e delicados. Gostam do seu dono e da sua dona, mesmo quando esta toca piano. A sua necessidade de afeição é tal que eles ligam-se igualmente ás pessoas que deolestam e que difficilmente se arrancam ás suas manifestações e aí deixam ás vezes um pedaço de calça e um bocado mesmo do carne.

O gato é mais independente. Passa o seu tempo a miar para que lhe abram a porta. Uma vez fóra, bem depressa volta a miar para entrar. O seu faro é mais subtil de que o do cão, mas tem mais o senso do humor. E ele poderia, provavelmente, se quizesse, compôr historias en-

graçadas que seriam ilegíveis, pois as escreveria no genero—quer dizer, aos gatafunhos...

Quer eles sejam selvagens ou civilizados, distinguem-se facilmente os animais uns dos outros, em virtude dos seus pés. Mesmo quando eles tem quatro, isso não lhes acarreta muita despesa de calçado, visto andarem com os pés nus. O mesmo acontece com o resto. Os pêlos e as penas não são, por assim dizer, uma vestimenta. Apenas os elefantes e as tartarugas parecem usar uma especie de calças, aliás bem pouco justas. Porém, eles conservam todo o seu fisico nativo e é uma despesa a menos que tem e por uma só vez.

As aves só tem precisão de duas pernas. Como elas estão qua i todo o tempo no ar, onde quatro não lhe eram precisas, tem asas para poderem comer os frutos.

Distinguimo-las tambem pelo seu canto, que é mais ou menos harmonioso, conforme as condições. As aves são, por outro lado, em toda a especie animal, as unicas criaturas que cantam, primeiro porque não tem outra coisa que fazer, e em seguida porque possuem as cordas vocais muito desenvolvidas. Não ha mulher alguma no mundo que possa fazer frente a um pássaro, principalmente se ele for bisnau.

Os peixes não cantam, não tem pernas nem pés, a menos que se considerem os crustaceos como peixes, o que seria um erro, pois eles pertencem antes á especie dos reptis.

Os macacos tem quatro mãos, o que lhes daria azo a tocarem piano, mas são muito preguiçosos para aprenderem musica.

Todos os outros animais tem quatro pés, que chegam até á terra. E ha os que usam deles desmedidamente...

José PARRE RA.

## ANSIA DE GLORIA

# UM FIASCO!...

Ser jornalista era para Juvencio, o nosso heroi, uma vocação. Deslumbrava-o a prosa inflamavel dos de-riodicos—os editoriais, as grandes reportagens, as gazetilhas e tudo o mais que em letra redonda ou italico enche as paginas flamantes das gazetas. Se de dia pensava, de noite sonhava no sucesso que a sua prosa faria em qualquer dos rotativos do seu país.

Teria, decerto, muitos leitores—principalmente leitoras—apaixonadas pelo seu estilo fluente e arrebatador. E teria, tambem,—oh! sonhos dourados!—uma carteira de jornalista, rara e valiosa credencial que se não dá a toda a gente...

\*\*\*

Muito tapadinho, salvo soja, o nosso prometedor Juvencio abalou lá das serranias donde era natural e penetrou, como o grande Elias, na redacção dum periodico da capital.

Agora que ia ser posta á prova a sua genial vocação para as letras, daí ao triunfo era um pequeno passo que ele galgaria voelozmente, graças á sua formosa mentalidade.

Ora, por tão natos predicados, impunha-se, evidentemente, aproveitá-lo, de inicio, para uma função redactorial de responsabilidade—o telefonema—e, assim, o nosso Juvencio foi, com todas as honras, conduzido á cabine da redacção, onde, daí a instantes, com a comoção e a solenidade da ocasião, inauguraria, triunfantemente, a sua auspiciosa carreira de jornalista.

\*\*\*

Terriiimmm.....  
(Falam do Porto).  
—Está lá?  
—Faz favor de tomar nota...  
—Diga.  
—Pelas duas da madrugada, manifestou-se incendio no armazem de vinho da firma Ramos Galo, de Gaia...  
—Da Gaia?..  
—Qual Gaia!.. Gaia... Gaia...  
—...sendo prontamente apagado com o emprego dos extintores «Minimax»...  
—...Mine e...  
—...max... Compreendeu?..  
—Compreendi!..  
—Mais nada... Boa noite.

No dia seguinte, lê-se na gazeta esta obra-prima de Juvencio:

«Pelos duas horas da madrugada, manifestou-se incendio com violencia no armazem de vinhos da firma Ramos Galo, de Gaia, sendo prontamente apagado pelos distintos pintores Mino e Max, que estão sem emprego e de passagem por esta localidade. Actos de abnegação como este são dignos da gratidão humana. Felicitamos, pois, os distintos artistas.»

Branco y Verde.



—Eu levava-o para casa, mas estou donyencido de que a minha mulher não acreditaria que tinha sido pescado por mim...

## Uma semana fecunda em musica



# CAIXA... DAS GRALHAS

(Trovas populares com mólho á espanhola)

## I QUADRO

(A cégada entra como um tiro pelo gabinete dos reporters ali em baixo e sai como um linguado pela porta do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, ali em cima).

### Distribuição dos figurões

Vinheta — Ivo de Monforte.  
Tipo 5 — Belo Redondo.  
Viuva Gomes — Baptista Denis.  
O homem da lata — Antonio Ferro.  
Romeiro — Leopoldo Nunes.  
Tripas do Porto — Mário Quintela.  
Semana dos Artistas — Artur Portela.  
Folhetim ás riscas — Jorge Ramos.  
Fado dos tribunais — Aprigio Mafra.  
Harold Holmes — Costa Junior.  
Um pagem — Alvaro Anselmo.  
Etc...

### Vinheta:

(Traz no estomago um mata-borrão e ao pescoço varios colares de espinhas de paginação. Não toca instrumento porque já vem muito tocado).

Se vires um homem perdido,  
Não o trates com desdem,  
Porque a agua é um veneno:  
Bebê-la nunca faz bem.

Por teus olhos serem verdes,  
Não devo deitá-los fóra,  
Eu sempre gostei de verde,  
ficando azul muito embora.

### Romero:

(Vestido de papel de seda com um rosario de gralhas na mão).

Se aquilo que a gente sente  
Cá dentro tivesse Vos,  
Eu iria certamente  
Para porteiro do Foz.

Ninguém diga neste Mundo  
dest'agua não beberei:  
Em Fatima bebi tanto  
Que a propria agua sequei!

### Tipo 5:

(Mascarado de telegrama da Havas, mas de bigode rapado para a gente não dar por isso).

Quando o Seculo se calar  
E o Noticias fór ao fundo,  
Só assim hão de acabar  
As más linguas neste mundo...

### O homem da lata:

(Traz um ferro de engomar frases e uma camisa de Mussolini. Um pouco mais magro por causa de andar á volta das dictaduras).

Eu não gosto nem brindando  
Dizer adeus a ninguém;  
Quem parte vai passeando  
Sem pagar, comendo bem,

A cantar ganhei dinheiro,  
A cantar se me acabou;  
Quem me dera ter a massa  
Que na America ficou...

O meu amor por amá-lo,  
Pôs-me ao peito uma comenda,  
Sou Leuiana?—deixá-lo—  
No Jardim ha quem me atenda...

Toda a vida fui pastor,  
Toda a vida guardei gado.  
Tenho uma nodosa no fato  
De tanto ter viajado...

### Tripas do Porto:

(Traz uma cabine telefonica nos calcanhares e entrou á ultima hora com quarenta graus de febre).

Quando eu estava na Tarde,  
Fazia fitas aos mólhos.  
Agora estou sem vintem:  
O Sol ardeu-me nos olhos...

Pelo céu vai uma nuvem,  
Todos dizem bem a vi.  
Eu, francamente, não sei  
Se estou no Porto ou aqui...

### Folhetim ás riscas:

(Traz uma constipação cronica, mal entrevista pelo publico... do Jornal do Comercio e do Comercio da Porto).

A gazeta é pobresinha,  
Não tem nada que me dar;  
A Capital, coitadinha,  
Sem capital vai ao ar.

O' mar alto! ó mar alto!  
O' mar alto sem ter fundo,  
Antes estar na Situação,  
Que ir novamente p'r'o Mundo,

### Viuva Gomes:

(Traz o relógio no prégio e o Okle-miro César na algibeira do coléte. Vem todo vestido de róxo e traz um artigo de fundo todo cortado com dois brancos a toda a coluna).

Quem tiver filhas no mundo,  
Não ria do desgraçado  
Que escreve artigos de fundo  
E faz cantigas p'r'o fado.

Ouvi dizer ao luar,  
Com trinados na garganta;  
Quando a censura acabar,  
A tinta então até conta...

Se ouvires dobrar os sinos,  
Não preguntes quem morreu,  
Foi um copo dos mais finos  
Que fugiu... desapareceu.

### Semana dos Artistas:

(Arquiducal, ouro velho, espelhos de Veneza nos sapatos, tanagras na gravata genero tudo amor côr de respiração de elefante aos quadrinhos. Chapeu ás três pancadas de Molière).

O mar também tem amante,  
O mar também tem mulher,  
Eu também tenho um fauteuil  
Nos teatros onde quizer...

O' aguia que vais tão alta  
Por essas serras além.  
Eu cá também vou á serras  
Se a peça não me sai bem.

(Surge o Albino Lapa e o Machado Correia, vestidos de cocotes impudicamente carnavalescas. O Mário Domingues e o Artur Inês são dois deliciosos pecados cada vez mais românticos por sport. O Napoleão Gonçalves leva um Seculo a recitar O Chinó de Benoliel, mas o Costa Junior, repleto de Novidades, sai-se com esta:

Nas ondas do teu cabelo  
Vou-me deitar a nadar,  
Mas tens o cabelo cortado,  
Não me podes «censurar»...

(Continúa).

Alfredo dos Reis.

## EM GUARDA!

### Os esgrimistas do "Diario"

Com vénia de Mestre Veiga Ventura, vou trazer para as colunas do Sempre Fixe alguns palidos reflexos dos assaltos de esgrima em que entraram os espadachins do Diario de Lisboa, nesta etapa do aproveitamento do seu bom e generoso onisino.

N. de A. caracteriza-se pela elegancia calma com que apara os golpes violentos e nervosos de F. C.

O encontro dos dois espadachins evoca a serenidade do caçador que, em plena serra espanhola, espera o javali bravo e a impetuosidade com que este rompe os ares, sulcando-os com a velocidade dum Junker's, ainda que com menos segurança.

N. L. combate com a delicadesa com que escreve, atacando como escrevo o Chá das Cinco, defendendo como se estivesse em pleno tribunal.

A. de A. é notavel por todos os títulos e, ainda que gritante e teatral, faz um assalto como se fizesse um jornal.

A. M. é o ultimo discipulo na ordem de inscrição mas, como os ultimos são os primeiros, prepara-se para ser, brevemente, o primeiro esgrimista português do mundo. Na sua ansia de ganhar tempo tem, é facto, atitudes mirabolantes e pirotecnicas, mas já sabe «recuar» o «avançar», avançando notavelmente nas «chamadas» e «passagens» e «cai a fundo» como um valente.

M. N. resiste a todos os julgamentos, por mais criminosos que sejam, conseguindo absolvições da espada inimiga que são victorias do fóro esgrimista.

E, finalmente, R. P. entra a matar, maneando «la espada» como um maestro... calvo.

Se V. Ex.<sup>ma</sup> querem alguma coisa de tão notaveis mestres de armas, apareçam e... penham-se em guarda.

## Azas de Portugal



Carlos Bleck durante o seu admiravel «Bleck-Bottom» de Londres á Palestina...



### Uma anedota a valer

Um dia, Santa Rita, pintor, estava sentado a uma mesa do Martinho, num grupo de amigos, quando appareceu um sujeito de aspecto severo. Santa Rita, depois de olhá-lo demoradamente, exclamou:

—Veem o homem que se sentou naquela mesa? E' um malandro!...

Nas outras mesas, os curiosos levantaram-se. O sujeito de aspecto severo, vendo-se insultado, dirigiu-se, cheio de indignação, a Santa Rita, para lhe pedir uma explicação. E quando a discussão ameaçava dar uma scena de pugilato, Santa Rita sobe para cima duma mesa, prometendo contar a razão do insulto, enquanto agarravam o infamado.

—Um dia estava eu, em Paris, com falta de dinheiro. Não conseguira ainda vender um unico quadro. Devido á gentileza dum amigo, consegui arranjar apresentação para um banqueiro americano, que nesse mesmo dia partia para a California. Não havia tempo a perder. Embrulhei o quadro, meti-o debaixo do braço e puz-me a caminho; mas, poucos passos andados, encontrei uma velhinha caída na rua, de cansaço e frio. Levantei-a. Vendo que eu tinha um bom coração, pediu-me ela que a acompanhasse a casa. Eu fui, embora comprehendessemos que deixaria de vender o quadro, porque não encontraria o meu amigo e não teria a apresentação ambicionada. A' minha bondade tudo sacrificara. Acompanhei-a até a casa. E sabem quem era, meus senhores, essa velhinha?... Era estê senhor!...

CANÇÃO NACIONAL

FADO DA TABAQUEIRA

Mote

Por um triz, a Tabaqueira, com o seu fabrico novo, ja encher de fumaceira a nobresa, clero e o povo!

Glosas

Quem tivesse o grande fracço de fumar um cigarrinho era esp'rar só um instantinho que ia ter novo tabaco. Ficava aliviado o caco porque da nova maneira tinha a benção de purgueira e bagos de amendoim. ...Ja começando assim, por um triz, a Tabaqueira.

A cinza era fina como o aceite d'Alfrades, branca como uma parede, untada com nictina. Da qualidade genuina, onças cheias como um ovo! A Tabaqueira, que ainda louva d'antemão, p'la coisa boa d'ir dando brado em Lisboa com o seu fabrico novo.

Cigarros de bom formato, tendo a ponta com 'stearina p'ra perfume da narina com os vapores do sulfato. Mal sentisses dele o olfato, ao abrir's a cigarreira. Assim ela, com carinho, os pulmões do Zé Povinho ia encher de fumaceira.

Charutos iguais ás velas da antiga marca N'vio, tendo nas caixas um rio com saloias d'Odivelas. Nos rót'los tinha ba'relas com sabão d'amendoa novo. Por isso o olhar não demora da União que foi ao Poço e já a viu um colosso a nobresa, o clero e o povo!

Reporter B.

AS MELHORES CEIAS

são as da PENINHA

Os melhores jantares ao domicilio

são os da PENINHA

67, Rua Pascoal de Melo, 69

Telefone Norte 5582 (á Estofania)



—Mas o que é isto? Eu encomendei-lhe uns calções para o golf e não para corrida de sacos...

Raidomania

que é como quem diz a mania dos raids

Um telegrama transcrito num diario matutino dava ha tempos a noticia de que um certo «navegador francès partiu com destino ao Cabo, numa pequena lancha, na qual projecta dar a volta ao mundo».

A proposito de tal noticia, colhi-meos dias depois o dialogo seguinte: —Viu aquela noticia sensacional do homem que vai no bote?

—Acha sensacional?! No bote vamos nós todos, todos os dias.

—Bem se vê que não lhe interessam os sports.

—Interessam tal; mas só tenho interesse pelas coisas que o merecem. A volta ao mundo é já um raid estafado.

—Estafado e estafante.

—Já tem sido tentado em todos os meios de transporte.

—Por vezes até sem meios nenhuns, incluindo os pecuniarios. Quando o raid é feito no transporte que a natureza forneceu, a pé; é, de resto, o meio de transporte que conheço, mais economico e seguro, o adoptado pelos globe-trotters.

—Eu chamo-lhes antes globe-cravers: o financiamento desses raids é sempre feito á custa dos incautos, que eles vão cravando no caminho.

—São de facto os raids menos dispendiosos.

—Para eles, principalmente.

—Ora, meu caro amigo, os outros, afinal, somos nós que os pagamos tambem indirectamente.

—Mas é mais suave, é sem dor, sem sentir.

—E nos raids pedestres, a despesa é quasi nula. Ao passo que nos outros, em cada étape, é preciso reparar os motores, meter pneumáticos ou gasolina, estes metem apenas, de vez em quando, meias solas. Sai muito mais barato.

—O que eu lhe digo é que esta epidemia se vai tornando perigosa. O desejo de celebridade tem dado volta ao miolo a muito boa gente e talvez por influencia desse movimento circulatorio, essas voltas de miolo trazem como consequencia mais frequentes os projectos de voltas ao mundo nos mais fantasticos meios de transporte. Uns com avião, outros com au-

tomovel de muitos cavalos, outros com os cavalos ao natural e outros—sem cavalos nenhuns porque não precisam: vão a pé. Para cavalos bastam eles. Ora eu, meu caro amigo, só compreendo a volta ao mundo num belo hiato de recreio, ou repimpado em esplendidas primeiras classes terrestres ou maritimas. E quem, como eu, não possa custear um raid nestas condições, deve desistir da volta ao mundo e contentar-se em assistir ás voltas que o mundo dá.

Todos os outros raids são geralmente raids que partem quem os tenta ou, pelo menos, partem e inutilizam os aparelhos que os transportam e que tanto dinheirinho custaram, que está fazendo falta a tanta coisa.

—E' certo. Tanto mais que as voltas ao mundo nunca chegam a ser voltas completas. Ficam sempre em meio.

—Ora aí tem. E', quando muito, meia volta; meia volta volver... ao ponto de partida, com a cabeça partida e a equipagem estropeada. Ora que interesse pode ter a viagem do tal navegador a que a noticia se refere?

—Talvez provar que se pode viajar de barco com a mesma segurança que num paquete. O desejo de conseguir a possibilidade de viagens economicas para todo o globo. Provar que se pode ir de bote a toda a parte.

—Ora, meu caro. Se ele me quizesse provar que se pode ir no bote em toda a parte do mundo, vá, mas doutra coisa ha de ser difficil convencer-me. Mas oxalá que sim. Se o conseguir, que grande futuro está reservado aos numerosos navegadores que vão daqui para Cacilhas.

—Diz a noticia que ele vai com destino ao Cabo.

—Vai decerto dar ao Cabo, se não der antes cabo dele. Será talvez o seu destino.

—Devemos, no entanto, concordar que é preciso audacia, que é preciso arrojo para fazer assim um raid numa lancha, numa chata.

—Mas, meu caro amigo, um raid de chata nem chega a ser um raid, é uma chatices...

A. C.

Elevador da Gloria

João Sereno estava ontem indignado. Tinha assistido ao enterro do grande politico conservador José Anastacio Barão. E f'ue enterro! Carro monumental puxado a seis parrelhas, berlinda com padre e sacristão, o hum'kle povo no couce do carro—ele apanha cada um!—duzentos e trinta e nove fazis, onde ia instalado o comercio, a industria, as altas classes sociais, as figuras mais representativas da banca—tudo faustoso e negro. Corças com violetas e saudades cobriam a urna magnifica, de dois contos de réis, com puxadeiras de prata e uma cruz na tampa.

No dia do passamento de José Anastacio Barão, todos os jornais, em duas, três columnas, mesmo em parangona, na primeira pagina, carpiam a morte do grande vulto. A fotografia ajudava a consagração funebre. José Anastacio aparecia aos 8 anos, tirado pelo Vasquez, num bote cacilheiro, e já com o aprumo dum grande homem. Aos 25 era ministro. Aos 30 embaixador. E por aqui fóra, cada vez mais ingente e formidando.

Anastacio Barão tinha morrido rodeado de consideração do país.

Era isto que exasperava João Sereno. Quem devia ter morrido era ele. A nação ha muito que lhe prometera—que devia aquela consagração póstuma. Anastacio Barão tinha-o precedido. Roubara-lhe a vez. Aproveitara um admiravel momento de ambiente nacionalista, onde só fructificavam as boas idelas e as boas figuras.

Que fazer? João Sereno pensou no suicidio. Mas o suicidio seria ridiculo. Diminuiria o seu prestigio. Ligariam o acontecimento a qualquer motivo amoroso. Não: ele desejava morrer sobre o coração da patria. Fazer-lhe uma profunda incisão. Deixá-la verter sangue e lagrimas. Preparar assim o seu monumento.

Ah! O José Anastacio tinha-lhe feito uma grande partida! Os elogios que os jornais lhe haviam feito, pertenciam-lhe. Era a sua politica, a sua carreira, o seu triunfo que lhe roubavam.

José Sereno agarrou, então, no seu livro de memorias e escreveu:

Ingrata Patria, não possuirás meus ossos!

Assim foi! Sereno parte esta tarde para Cochinchina.



—Você não se envergonha do seu procedimento?! Porque é que estava a fazer novas falsas?... —E' porque não as sei fazer verdadeiras...



—Sardinha? Parece-me que já cavi pronunciar essa palavra aos espanhoes...

## A NOVELA DO "FIXE."

## O MILAGRE

Matias da Costa nasceu conservador, cabeludo e com três quilos e seiscentas gramas.

Orfão de tenra idade (coitadinho!) vegetou sob os auspícios de sua t-avó Dona Angelica Matias, católica e vegetariana que, senhora de cabe-dais (seu defunto marido tinha uma fabrica de cortumes) não possuía ou-tro herdeiro.

—Que queres tu ser, menino?—pre-guntava ela, bastas vezes, ao sobri-nho.

—O que a titi quizer... mas eu que-ria ser pintor.

—Oh! Que hereje! Pintor! Andar metido com mulheres nuas! Porque não has de ir para padre, como o teu avô que Deus tem?

—Mas, titi,—insistia Matias—não poderei eu chegar um dia a pintar painéis que possam figurar em retabulos de altares? Não poderei eu ser agradável a Deus pintando quadros sacros? O' tia da minha alma, deixo-me ser pintor, sim?

A velhota, abalada pelos projectos católicos de Matias, consentiu a pagar-lhe a matricula na Escola de Bo-las-Artes.

Matias estudou e, ao terminar o curso, concorreu á pensão em Paris com uma «Madalena Convertida» que a ninguém deixou ilusões quanto á origem: um pensionato que havia na rua das Gaveas.

Como era o unico concorrente, ga-nhou o premio e elo ali vai até Pa-ris, mas um grande desgosto o pun-gia: o seu nome.

Matias da Costa! Que vulgar, que banal, que prosaico!

—Mas que queres, filho, se esse é o teu nome, como esse era o nome do teu avô, o prior de Santa Eufenia?!

—Pois sim, tia, para prior o nome é bom, mas para pintor! Preciso de arranjar um pseudonimo, mas ao mesmo tempo não queria abandonar as minhas iniciais M. C.

—Que Deus te inspire, Matias!

Só o trabalho que ele teve á bus-ca de nomes sonoros! Correu a lista dos nomes proprios comecados por M, num *reportorio de santos do dia*—obra magistral do avô prior e apaixonou-se por Marcos, mas foi-lhe cor-tando o s final.

—Sim, Marco! Belo nome, olimpi-co, classico!

O pior era o apelido. Teve inume-ros amigos á caça, por sua conta, de apelidos em C, mas desistiu da sua colaboração pseudonimica, desde que

o mais intimo, o mais amigo (o mais maligno) lhe sugeriu Marco de Ca-naveses.

—Marco de Canavoses!

Uma horrivel terriola da provincial

Desde então, buscou ele sósinho pseudonimo menos corografico e, de- pois de muito labutar, lá foi para Pa- ris mascarado de Marco de Coucei- ras, nome para o qual arranjou um *ex-libris* que figurava, entre duas couceiras de bacamarte (quem não souber o que é informe-se no dicio- nario «Larousse», de Jaime de Sé- guier), um marco miliario envolto numa fita com a seguinte legenda em caracteres goticos: «Sempre fixe».

Em Paris, foi discipulo, como toda a gente, de Jean, Paul Laurens (aquilo é que eram tempos!), mas nem por isso conseguiu ser recebido no «Salon», apesar de ter abandonado, a conselho de varios colegas, a pintura sacra e de ter enviado uma

primorosa *naturza morta* «A Mão de Nabos» (La Main de Navets, como ele patrioticamente traduzira).

No «Salon d'Otomne», mesma re- cusa ao seu prodigioso quadro de *ge- nero*: «As Dóres da Paternidade», que figurava um cidadão famelico que tinha na mão um rabanete já mordido e um rancho de miudas a treparem-lhe pelas pernas, olhando ávidos para o resto do rabanete.

Dona Angelica, quando soube estas duas recusas, escreveu-lhe, aconse- lhando que, «se voltasse» outra vez para a pintura religiosa e que, por certo, Deus faria o milagre de ser recebido.

Nem assim elle «se voltou».

Nessa epoca nasceram em Paris to- dos os ISMOS possiveis... futurismo, cubismo, simultaneismo, esferoidismo, etc., e foi neste ultimo grupo que elle assentou arraiais.

Pintou varias coisas e, entre ellas,

a sua obra prima «A Roda da For- tuna», muitas rodas e esferas de muitas côres e com muitos numeros, que mandou para «Os Independen- tes»... Recusado!!

Passara o tempo. Os dois anos da pensão estavam já longe e a tia An- gelica não subsidiava o talento he- reje do sobrinho.

Assim teve que voltar a Portugal. Foi-o a modo envergonhado pelos su- cessivos *echecs* (já não dizia «desai- res»!)

Apesar do segredo da sua volta, o facto foi conhecido nos meios artisti- cos da nossa terra e, assim, José Pa- checo pensou em fazer um numero especial da «Contemporanea», Ferrei- ra Gomes dedicou-lhe uma ode ritmi- ca que ninguém compreendeu e o João Franco da «Brasileira» *fiou-lhe* um copo d'agua radioactiva e emo- liente.

A tia é que lhe pôs a faca aos pei- tos: ou recomeçava a pintar... san- tinhos ou adeus filetes de oenoura e costeletas de couve lombarda.

Matias da Costa, ou antes, Marco de Couceiras, entre mororr á fome no esferoidismo glorioso ou alimen- tar-se no genero sacro, optou pelo segundo, com grande gaudio de Dona Angelica, que attribuia aquela volta do filho prodigo a um milagre.

Para agradecer á tia o verde nosso de cada dia, pôs-se o nosso Matias a pintar em segredo um retabulo para o oratorio e, muito ás escondidas, lh'o collocou no seu lugar no proprio dia dos anos.

—Como ella vai ficar contente! Deus queira que o boneco faça o mi- lagre da titi me mandar outra vez para Paris!

—Ai, que lindo Santo Antoninho, menino!—disse a tia ao entrar no oratorio, onde viu um Senhor de bar- ba á Guise com um pimpolho ruivo ao colo.

—Mas esperal Santo Antonio não usava barba, que eu saiba.

—Mas não é Santo Antonio, tia.

—Então que santinho é?

Matias, em grande gesto e com um ar inspirado:

—E' Cristo brincando com o meai- no Jesus!

Um grito, o baque dum corpo e Matias ficou de golpe herdeiro da tia Angelica.

Digam agora que não ha milagres!

Tom.

## NA LIGA DOS ABSTEMIOS



—E agora levantemos os nossos co- pos de leite, fazendo votos por um ano fe'z.

!! Não queira ficar assim !!

USE A VITELINA-VITERI

TÓNICO AMARELO

Torne os seus cabelos fartos, abundantes, limpos e sedosos

FRASCO 6500

Deposito—VICENTE RIBEIRO & C.

R. dos Fanqueiros, 84. 1.º D.-Lisboa



—Minha mulher tambem era um anjo. Trinta anos que fomos casados nunca me deu um desgosto, nem á hora da morte.

## Na Pinhata



—Você tem de dansar cotiigo, se- nhora Colombina. Não haverá mel- hor par

—Porquê?

—Porque eu sou o Colombo.



O que se diz e o que se não deve dizer...

## A sensacional compra dum jogador ou um esplendido reclame á americana

Anunciava-se com festa rija o desafio de foot-ball entre o *Belenenses* e o *Sporting*. Tão rija que, ás três e três quartos da tarde do domingo, o aromatico arbitro sr. Silvestre Rosmaninho se encontrava emboscado numa moita do Campo Grande — á espera que o match começasse, para poder ir para as bancadas.

Todos os juizes nomeados e peccaveis faltaram. E não sabemos como o milagre se produziu, mas o certo é que Rosmaninho teve que ir arbitrar.

Supomos que, á falta de director de partida, os dirigentes resolveram organizar uma batida em volta do Campo Grande, acabando por caçar o florido juiz, detrás da moita.

E, afinal, aquilo não foi tão mau como diziam.

\*\*\*

Com efeito, todos os boatos tetricos e todas as sanguinolentas previsões sobre o encontro falharam, como os boatos de revolução.

Não houve tiros, nem facadas, nem mesmo uma bombazinha...

Do programa anunciado, só apareceram os placards anunciando o leilão de jogadores — mais baratos para acabar — mediante o pagamento duma primeira prestação constando de 1.500 escudos, uma gabardine e uma duzia de charutos de picar.

\*\*\*

A marcha do score é daquelas que faz pensar...

1-0; 2-0; 3-0; 3-1; 3-2; 3-3.

E o empate foi tão bem arranjadinho que até a historia do Silva Marques parece historia...

O *Sempre Fixe* toma a liberdade de não ir na fita e de dar a unica versão verdadeira da compra do Zabala de agua de azeitonas.

Aquilo não passou dum formidavel bluff — dum tremendissimo e sensacional reclame á americana. E temos que confessar que o publico foi — que nem canja...

E' claro que, desta vez, a coisa pegou por ser novidade.

Por ser novidade — e por ser bem posta em scena. As direcções de ambos os adversarios fizeram publicar ao mesmo tempo e nas antevesperas os primeiros comunicados officiais sobre a compra do jogador. Depois seguiu-se a queixa á Associação. Um director desta demitiu-se. Os jornais comentaram, com um esplendido re-

mate de Candido de Oliveira, no *Diario de Lisboa* de sabado á noite — o que era de se lhe tirar o chapeu... As almas inocentes indignaram-se. Os directivos, que são todos inocentes, tambem se indignaram. Os jornalistas, idem. O publico discutiu — o caiu...

Parabens ao tal sr. Holbeche pela riquissima ideia. Tem legitimo direito a dez por cento da receita bruta.

Ou será verdade que: — o Holbeche nunca existiu?

\*\*\*

Escusado será dizer que para a proxima vez tem que descobrir outro processo de publicidade.

Ou então: — passam a fazer as coisas dando todas as garantias ao publico pagante. E o melhor será, evidentemente, passar esse comercio de jogadores a ser feito perante notario, tornando-se publicas todas as condições das escrituras de compra ou aluguer.

\*\*\*

Se este ultimo sistema de fazer reclame sensacional e garantido por tabelião lhes não convém — ha outra ideia, de Julio de Araujo, que tambem apresenta notavel interesse.

O conhecido dirigente na disponibilidade propõe que no proximo desafio de grande peso os jogadores se apresentem com as equipas dos seus clubs de origem.

Além do tornar o desafio muito agradável á vista, isto terá ainda a dupla vantagem de ser uma documentação historica e de exhibir ao publico uma coleção muito completa de equipas portuguesas.

\*\*\*

Opinião dum blagueur:

— Em vez de comprarem o Zabala, achava preferivel que eles comprassem os jogadores do *União* para este bater o *Belenenses*. E' uma questão de notas...

\*\*\*

Opinião de outro blagueur:

— Pois eu, se fosse do *Sporting* em vez de dar os 1.500 escudos ao rapaz para não jogar aquele desafio — dava-lhos para que jogasse. Porque ele tem tanta falta de habilidade que o substituto havia de ser, fatalmente, melhor...

### ZABALADOS...



Belenenses — Aqueles maretos é que me «zabalam» a existencia...

Rebola-A-Bola.



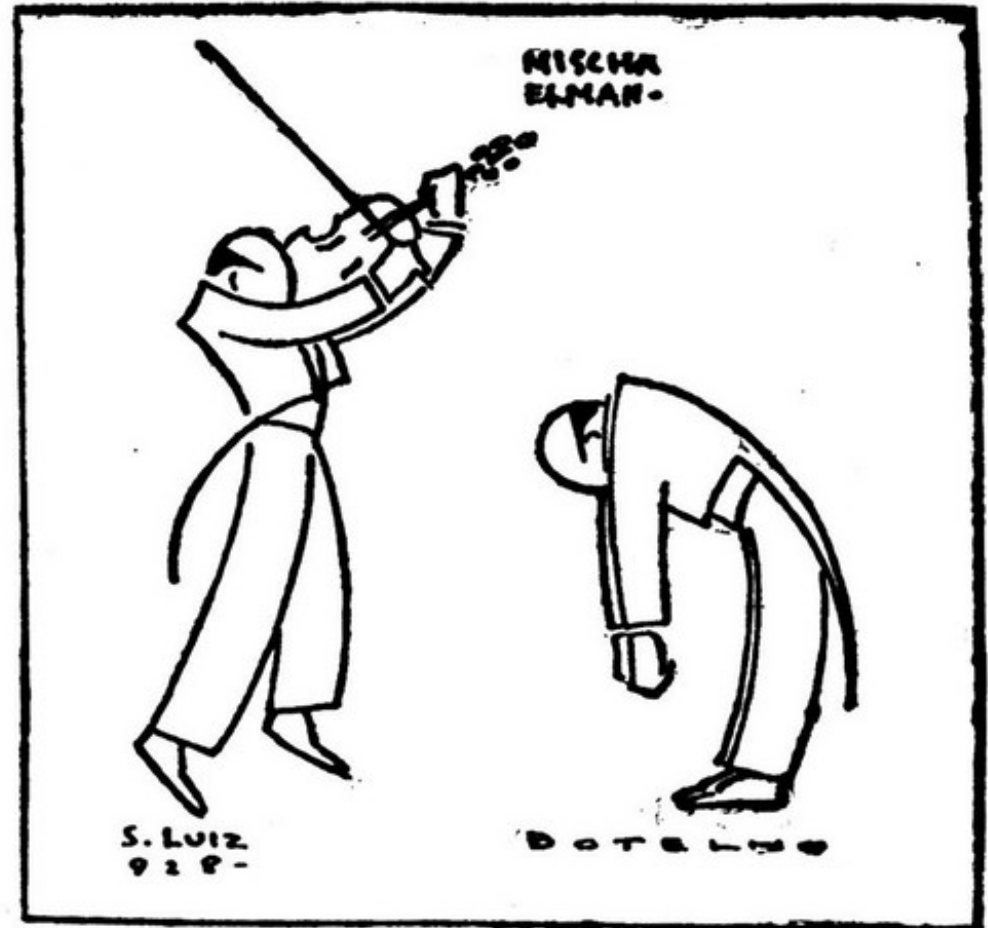
— Então o senhor agrediu uma senhora no cinema?  
— Que quer, sr. juiz, estava tão arrumada a mim que eu julguei ser a minha mulher...



— Que mania é essa de roer as unhas?  
— Não é mania, é higiene. E' uma grande porcarias usar as unhas crescidas...



—Este é o campo que convém. Isto serve para tudo. Mesmo para os entusiastas do hipismo poderem dar também corridas de cavalos... de motor.



Duas atitudes:  
I—Quando o Mischa comove a gente.  
II—Quando a gente comoye o Mischa...

## PLUMAS Y PERFUMES



Com Vicente Mauri (Adão) e Eva Stachino o Variedades está transformado em novo paraiso...